

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.474

Sexta-feira, 14 de Setembro de 1923
PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Andares — PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 113

Vai aparecer brevemente um tipo de pão a \$60 o quilo. A essa nova medida de ataque aos consumidores chama-lhe o ministro da agricultura tipo único de pão. Nós chamamos-lhe mais um tipo de pão destinado a provocar uma justa indignação.

A Revolução em Espanha CONTRA A GUERRA DE MARROCOS

O povo espanhol, há muitos anos sacrificado pelo imperialismo dum governo ferozmente reaccionário, afirmou o seu desejo de não voltar a ser no norte de África, a vítima imolada a aspirações guerreiras e iníquas.

As aspirações pacifistas triunfaram decisivamente sobre uma política de crime e de morte. Nem mais um soldado sairá de Espanha para ir dar o seu sangue e perder a sua vida em holocausto a aventureiros que ambicionam guerras destrutivas e cruéis.

ABAIXO A GUERRA! foi o grito unânime do povo espanhol, lançando-se na revolução!

A ESPANHA AGITADA

Um movimento revolucionario

Os revoltosos tomam conta do poder—A impopularidade da guerra

NOVAMENTE a questão de Marrocos arrastou a Espanha para um grande e decisivo gesto de revolta.

Em 1909 deu-se a insurreição de Barcelona, conhecida pelo nome da Semana Sangrenta. Desses heroicos protestos contra a guerra resultaram após o seu inevitável fracasso cruéis e cobardíssimas represálias e o assassinato de Francisco Ferrer.

Desde essa data para cá que a ocupação da zona espanhola em Marrocos tem sido um enorme sacrifício de vidas. Os mouros, que nunca se curvaram aos patriotas espanhóis que lhe pretendiam impor o seu predomínio, tem feito as veleidades imperialistas uma resistência formidável e consecutiva. Daí essa guerra persistente que tanto sangue tem feito correr.

Ultimamente, o grande desastre militar sofrido pelas forças de ocupação, desastre de que foram culpados os grandes magnates do exército, ainda mais veio agravar a situação, exaltando grandemente os ânimos. As partidas de soldados para Marrocos tem sido contínuas. Entre essas tropas que partiam para um fim certo, para a morte, uma morte gloriosa, lavrava um grande descontentamento. Esse descontentamento, apesar da opressiva disciplina existente no exército espanhol, não hesitava em exteriorizar-se veementemente. O governo encontrava-se desolado da opinião pública que,

irradamente, protestava contra o estúpido e exagerado sacrifício de vidas que se vinha fazendo.

Desse descontentamento foi exemplo flagrante aquela rebelião feita pelas tropas que em Málaga se recusaram a embarcar para Marrocos onde se deram tumultos duma certa gravidade. Por ocasião desses tumultos foi preso e julgado sumariamente e condenado à morte o cabo Sanches Barroso.

A assinatura do seu indulto não foi uma medida humanitária, mas sim uma manifestação de receio do governo que já se sentia condenado pelo país.

A campanha contra a guerra de Marrocos tem sido activíssima. Nela tem tomado um papel de destaque, os elementos avançados. O operariado tem afirmado a sua atitude de repulsa, pois a greve geral de protesto contra a guerra já estava declarada em Santander e outras cidades espanholas.

As aventuras imperialistas, mau grado o aspecto vitorioso que elas apresentam de entrada, acabam sempre por se malograr. Esta aventura de Marrocos, acaba de liquidar miseravelmente. O rei soufreu um cheque e o ministério viu-se forçado a cair.

Oxalá os povos, a exemplo do espanhol, saibam compreender que quando a sua vontade se afirma decidida, as guerras cessam e os dirigentes fogem!

As guarnições militares de Madrid, Saragoça e Sevilha, revoltadas!

Em consequência da atitude assumida pelo governo em persistir enviar para Marrocos efectivos militares, deu-se uma revolta nas guarnições militares de várias cidades. Madrid, Sevilha e Saragoça, estão nas mãos dos revoltosos. O movimento tem o apoio do povo, não se tendo por isso esboçado contra ele a mínima resistência.

Mais de 200.000 homens contra o governo

Os revoltosos tomaram conta das respectivas cidades. A guarnição de Madrid conta actual-

mente um efectivo de 40.000 homens; a guarnição de Sevilha, 25.000 homens, e a de Barcelona, 60.000 homens.

Não é difícil de prever que com as restantes cidades, o efectivo dos revoltosos atinge mais de 200.000 homens.

Espera-se a todo o momento a rendição do governo, parecendo confirmar-se a notícia da prisão do ministro dos estrangeiros.

A revolta atinge Barcelona

A guarnição militar de Barcelona aderiu ao movimento, não tendo havido no seio dela, a menor resistência.

A concordância com o movimento é tal nessa cidade, que ele deu-se e triunfou sem efusão de sangue.

O que dizem os correspondentes dos jornais

PARIS, 13.—Os correspondentes de jornais franceses em Espanha enviaram telegramas dizendo que na noite de quarta para quinta-feira rebentaram simultaneamente em Sevilha, Barcelona e Madrid, insubordinações nas guarnições militares, as quais num total de 45.000 homens tomaram conta do governo das cidades citadas.

O movimento parece ter um carácter anti-governamental e está estreitamente ligado à atitude do governo a respeito dos assuntos de Marrocos. Parece que o ministro dos Negócios Estrangeiros foi feito prisioneiro pelos insubordinados quando se dirigia a S. Sebastian.

Repelindo uma torpeza

Recebemos do dr. sr. Mário Monteiro, uma cópia da seguinte carta que ele enviou ao Rebate:

«Como as palavras publicadas, ontem, a meu respeito, poderão ser interpretadas maliciosamente, devo declarar que, como advogado, tenho aceite e aceitei todas as defesas que me tem sido ou sejam confiadas, visto ser essa a minha profissão. Tenho patrocinado tanto as causas dos conservadores como as de arregados democráticos e as de outras facções mais avançadas. Devo, pois a quem me dirige todas as insinuações, políticas de qualquer espécie, por vivendo hoje afastado por completo (ouçam bem) das paixões partidárias que só me roubaram tempo, saúde e haveres, não desejo voltar à vida antiga. O sr. António Maria da Silva merece-me muito respeito, mas os presos que se dirigem a mim, também me merecem sem que eu vá cuidar, previamente, dos ideais que cada qual possa professar. Se não fora também assim nunca Alexandre Braga, sincero republicano, poderia ter defendido, como advogado, os cavaleiros Casimiro quando acusados de traição ao regime vigente?»

O Rebate, que muito prezo, pode portanto proclamar bem alto que hoje sou advogado, apenas advogado, e só sigo a política incolor e imparcial de aceitar as causas que sejam defensáveis e cuja remuneração me ajude a garantir o pão de cada dia...—Mário Monteiro.

A REPUBLICA JULGADA PELOS REPUBLICANOS

Um interessante artigo de «O Despertar», de Sintra

De O Despertar, semanário que se sub-intitula órgão do povo republicano democrático do concelho de Sintra, transcrevemos os seguintes interessantes trechos dum artigo assinado pelo sr. Figueiredo Lima e publicado em 9 do corrente:

«E a história que se repete. Numa estreita de vistas que espanta e sem a menor visão das conveniências políticas-sociais, o sr. António Maria da Silva alienou de si todo o sentimento da realidade, para abraçar, num espreguiçamento só próprio de celebrações esgotadas, a pior das concepções políticas do momento.

Não é com tiradas de mussolinismo marcadas a «baton»—sejam conscienciosas—que se há de conseguir apaciar a fúria tumultuosa que emerge dos subterrâneos da Sociedade; e se é certo que a cada reacção corresponde invariavelmente outra reacção, ao sr. presidente do ministério, em «travestir de Senhor do Falcão não pudemos prever as honras da vitória, visto que Roma e Pavia—convenção-se o sr. António Maria—estão ainda no seu estado de embrião.

O Mundo não consiste apenas nos domínios, embora grandes, de S. M. o rei Vitor Manuel; e o facto de haver um homem, incontestavelmente grande, que por momentos tira os olhos estupefactos de vários povos, isso não quer dizer que das bandas do Oriente, em fulgurações magníficas e avassaladoras, abrindo sulcos através das consciências escravizadas, desbravando os caminhos intransitáveis do obscurantismo dos povos, cegado, enfim, com a intensidade do seu foco a rotina que é, filia exclusiva da ignorância, não surja também o arcabolo formidável de Lenin, que, a despeito de sanguinária horrida, que empurra o solo da Rússia, se firma e afirma com um protesto sublime da humanidade escravizada!

Portanto... Aos homens a quem incumba a segurança da sociedade burguesa compete o estudo profundo e aturado das condições em que vive a mesma sociedade, a minoração dos sofrimentos que a afligem, e a balsamização das dores dilacerantes que a consomem.

Mas «defesa» não quer dizer «ofensa». O que não pode conseguir-se é mandar voltar o oitão ao ovo ou des-

NOTAS & COMENTARIOS

Inabilidade

O «Rebate» não gostou que deixássemos de tomar a sério um pretenso atentado contra o chefe do governo. Entende ele, no seu democrático raciocínio, que em vez de pormos em dúvida uma coisa que não está demonstrada, devíamos aconselhar os rapazes presos a enveredar pelo caminho do trabalho e do estudo.

Como se aqui não fizéssemos todos os esforços por reclamar para a classe operária a instrução e a educação que a república, vergonhosamente, lhe tem negado. Ainda não há muito tempo que na C. G. T. se efectuou uma conferência sobre a reforma da instrução, pelo dr. sr. Câmara Reis. Na sede de vários sindicatos operários funcionam secções da Universidade Popular. Alguns sindicatos, apesar dos fracos recursos dos seus componentes, mantêm escolas para crianças e para adultos de cujo analfabetismo a república é culpada. Várias vezes a polícia desta república que o «Rebate» elogia e que republicanos como o dr. Magalhães Lima duramente criticam, tem invadido essas escolas, atemorizando as crianças e forçando os professores a pôrem-se a salvo.

Se o «Rebate» pretende que a ignorância cesse, reclame contra as crianças que aos milhares são pervertidas nas ruas, contra as escolas que não funcionam e contra a indiferença, em matéria de instrução, da parte do regime.

Se as escolas fossem tam livres e patentes aos que delas precisam como foi há tempos o museu da Revolução, com a sua exposição de bombas, não haveria, pela certa, a percentagem de analfabetos que hoje se nota.

Magestade democrática

Diz o «Rebate» que «o ilustre estadista» Afonso Costa foi cumprimentado na Serra da Estrela pelo corregedor sr. Humberto Pacheco.

Esta notícia parece-se muito com uma que lemos há anos num jornal:

«Passou ontem na rua do Bussaco Sua Magestade El-Rei D. Manuel. Foi muito cumprimentado pelo nosso dedicado corregedor X.»

Magestade e popularidade assemelham-se tanto em república como em monarquia.

Um hábito

Tam inveterado se tornou o hábito de a polícia apalpar de bombistas as pessoas que lhe caem nas mãos e os jornais de aceitar passivamente o epíteto, que «O Primeiro de Janeiro» cometeu uma gaffe.

Ao noticiar a prisão dum empregado comercial acusado de burla, apelidou-o de bombista.

Então burlista e bombista são sinónimos?

A não ser que «O Primeiro de Janeiro» use de metáforas e pretenda apelar de explosão o desfalque numa gaveta comercial...

truir simplesmente o germen da liberdade que o Sol de mil batalhas fecundou!

Infelizmente, porém, o bom senso nem sempre impera nas altas regiões do poder. Os roubos sucedem-se sem que castigos exemplares sejam inexoravelmente sobre os culpados. Temos aqui em Sintra o exemplo do caso das farinhas. Temos por esse país fora milhares de casos idênticos, alguns verificados até por sindicâncias. Dimitiram-se e entregaram-se em seguida às justíças, os autores, cúmplices e encobridores dessas marteiras? Toda a gente sabe que não! Todavia, quando algum desgraçado acode à agonia dos filhos com meia dúzia de pães roubados, a justiça que para os ricos é boa mãe, cega de raiva, atira-os aos enforcamentos para a escuridão tenebrosa das enxovias!

E é assim, que os governos, encerrados da segurança da sociedade pretendem manter a ordem? E protegendo toda a casta de malandricas, algumas delas tam claras como a das farinhas, em Sintra, como a dos açúcares, como a das mantegas, como a dos azeites como a da compra do célebre «Glauco», enfim: como todas essas que o senador Joaquim Crisóstomo relatou a sua Câmara que há autoridades para dizer à Revolução: Para que ainda é cedo?!

Trabalhadores. Lede A BATALHA

PÁGINAS REVOLUCIONÁRIAS

A tomada das fábricas em Itália

Recorda-se, o glorioso feito operário, de há três anos

Foi há três anos, em Setembro, que se deu em Itália um dos mais belos movimentos revolucionários—a tomada das fábricas. Perdido, embora devido a traição e à cobardia dos burocratas e reformistas que pontificavam na C. G. T. italiana e no Partido Socialista, constituiu uma grande afirmação da vontade proletária.

Iniciou-se esse grande movimento por um incidente havido entre os operários metalúrgicos e os patrões agrupados na Federação Industrial Metalúrgica. O rastilho desse movimento foi a declaração do *lock-out* feita pelos industriais como resposta às reclamações apresentadas pelos operários.

Estes, como resposta, numa atitude de magnífica e espontânea rebeldia, recusaram-se a abandonar as fábricas, continuando a sua laboração normal. O exemplo foi contagiado, alastrou por quase todas as cidades industriais de Itália. A tomada das fábricas fez-se sem grandes incidentes e sem grande resistência. Deante da formidável manifestação de energia dos operários, os patrões acobardaram-se e o governo encolheu prudentemente as garras. E certo que se deram vários e sangrentos conflitos entre os operários e a tropa, mas estes não tiveram, apesar de tudo, o carácter violento que seria de esperar. E' que a força proletária, admirável de serenidade e harmonia, impunha-se, tornava-se dominadora.

O entusiasmo que este gesto dos operários metalúrgicos provocou em toda a Itália foi enorme. Outras classes vieram imitar o gesto incorporando-se dum maneira activa no movimento.

Os marítimos do porto de Génova, apoderaram-se dos navios, instalando nelas canhões para os defender de qualquer arremetida governamental. O pessoal dos transportes mecânicos também se envolveu, tendo em Roma, o pessoal da viação eléctrica arvorado a bandeira vermelha nos carros. A situação complicava-se ainda mais. Por fim são já os inquilinos das várias cidades que se recusam a pagar as rendas, a reconhecer os senhores.

Era a hora vermelha que soava em Itália, convocando o povo a proclamar o direito de ser livre, numa sociedade nova e livre.

No porto de Livorno foi lançado ao mar um torpedeiro com a bandeira vermelha, tendo assistido ao acto a mulher de Mascagni. Na mesma cidade, o glorioso autor da *Cavalaria Rusticana* ao visitar as oficinas Orlando em poder dos operários exaltou a sua rebeldia, deixando escrito numa folha de pergaminho o seguinte: «Como homem livre no sentido mais absoluto e luminoso da palavra formulei votos sinceros pelos que hoje dominam os estabelecimentos Orlando, homens firmes que tem toda a minha admiração e o meu afecto.»

Na mesma ocasião pronunciou ainda algumas frases de franco aplauso:

«A vossa vitória mostra o fim dum vergonhoso espólio e a demolição das sociedades anónimas tam nefastas em Itália. Queréis ser e sê-lo-heis produtores e artífices. Ideia santa. A vitória será vossa. O meu coração agurava-vos, o meu coração que esperou do povo, que foi vosso desde que nasceu e que é vosso na Arte e Ideia.»

Exactamente quando o movimento se aproximava da vitória, ia ganhando um grande impulso renovador, almejando directamente o aniquilamento do poder económico é que ele se perdeu. O famoso acordo de Roma, feito entre o governo, os burocratas da C. G. T. reformista e os parlamentaristas do partido socialista, pôs fim e um fim triste a esse grande acontecimento.

Os operários regressaram ao trabalho, mediante algumas vantagens ilusórias. Todos os esforços realizados no sentido de prosseguir o movimento, arastando-o até às suas máximas consequências, resultaram inúteis.

Nem a União Sindical Italiana, apesar da tenacidade de Borghi e outros militantes, nem a Federação Anarquista, apesar do valor e do prestígio de Malatesta conseguiram evitar o ludíbrio a que as massas operárias foram conduzidas.

Traição!—chamamos nós à atitude dos reformistas e dos políticos. Mas que outra atitude se podia esperar da gente que se aproxima do povo para lhe deter os impulsos e salvar a burguesia?

Do grande acontecimento italiano conhecido pela tomada das fábricas, há de ficar mais uma grande recordação da energia dos operários que nela tomaram parte. Foi uma tentativa realizada pelos operários no intuito de tomar conta da produção. Perdida, embora, ficará vivo como um grande exemplo, como uma das mais belas e heróicas páginas da revolução mundial.

Grande excursão a Setúbal promovida pela Comissão pró-«A Batalha», em benefício do porta voz dos trabalhadores

Como noticiámos, está definitivamente resolvido que a excursão à laboriosa cidade sadina se realize no dia 23 do corrente, tudo indicando que será revesitada do maior brilhantismo e sendo o seu programa o seguinte:

Partida de Lisboa, às 7 horas.

Às 10 horas, na Associação Marítima, sessão de boas-vindas do proletariado setubalense aos excursionistas.

Às 12 horas, 1.ª refeição num agradável local da encosta do Castelo de S. Filipe.

Às 14 horas, grande desafio de futebol no campo do Vitória, jogando o Carvalhense Futebol Club contra o 1.º team do Vitória.

Às 16 horas, interessante concerto musical pelas bandas da Sociedade Instrução e Recreio dos Calçeteiros Municipais e da Sociedade Filarmónica Verdes, seguindo-se a 2.ª refeição.

Às 20,30 horas, regresso a Lisboa.

Aviso

A Grande Comissão, para que se não venda bilhetes em número superior ao da lotação do comboio especial, que apenas comportará 480 passageiros, convida os camaradas que tem bilhetes em seu poder a vir entregá-los até amanhã, às 23 horas, para se fazer o respectivo balanço.

Os bilhetes que dentro deste prazo não tenham sido entregues serão considerados vendidos.

A catástrofe do Japão

Ficaram destruídas em Tokio 316.000 casas

LONDRES, 13.—A embaixada japonesa em Londres comunicou que segundo a mais recente avaliação o número das casas destruídas em Tokio é de 316.000 casas, seja 71% do total das casas. Há 1.355.000 pessoas sem casa, o que representa 67% da população total. Em Yokohama segundo cálculos até agora obtidos ficaram queimadas 70.000 casas. Morreram 23.000 pessoas e 40.100 feridas.

A questão do desarmamento

perante a Sociedade das Nações

E O

tratado de garantia de Lord Cecil

Há alguns meses, Lord Cecil propôs um plano à comissão do desarmamento da Sociedade das Nações que, a realizar-se, não seria, a bem dizer, uma garantia absoluta contra a possibilidade de novas guerras, mas poderia sempre impedir que os Estados se deixem ilusivamente a uma nova guerra.

O plano previa, entre outros, um tratado geral de garantia que obrigava cada Estado em particular a voar em socorro daquele que fosse atacado.

A execução dele seria entregue à Sociedade das Nações, à qual é preciso reconhecer o direito de estabelecer uma escala de armamentos para todos os países e de exercer uma certa fiscalização dos mesmos pelos seus próprios delegados militares.

Este plano foi, há dois meses, enviado à sub-comissão militar permanente. Num relatório bastante longo, ela tomou posição e chega a repelir absolutamente as ideias tam queridas a Lord Cecil. E uma das objecções capitais desta sub-comissão, composta exclusivamente de militares, é que o plano de Lord Cecil, não somente não dá base sólida às limitações dos armamentos, mas conduz, bem pelo contrário, directamente à sua agravamento no sentido de que os Estados não somente têm de cuidar da sua própria defesa mas de prevenir a eventualidade dum socorro armado a prestar a um outro Estado.

Que esta objecção é insustentável, não é necessário demonstrá-lo, tanto mais que do próprio texto do relatório destes peritos militares se vê claramente que é uma ideia muito diferente a deste recelo que determinou neles uma atitude hostil contra a proposta de Lord Cecil.

Eles não reciam que o tratado geral de garantia proposto venha ameaçar o desarmamento — o que de resto, não é o caso — mas o que eles acham insustentável, no plano de Lord Cecil, é que

possa tocar na soberania dos Estados particulares e, principalmente, que possa limitar a liberdade dos mesmos Estados recorrerem às armas em qualquer tempo.

Lord Cecil não se preocupou com isso. Mantendo o seu plano com modificações essenciais e, numa sessão recente, submeteu-o de novo à Comissão de Desarmamento.

Naturalmente os seus partidários não tinham aumentado, no entretanto, no seio da Comissão e o único apoio que achou lhe veio da parte dos representantes operários em nome dos quais Jothaux tomou a palavra e expoz, com «raio», as concepções da classe trabalhadora:

«Nós somos pelo tratado geral de garantia; nós somos pelo princípio de solidariedade e de auxílio mútuo entre todos os povos porque entendemos que só esta solidariedade, só este auxílio mútuo são capazes de garantir a paz. Eu lia, ainda ontem, a obra admirável dum grande desaparecido, de Jaurès, «O Novo Exército» e sentia-me profundamente confirmado na opinião que o melhor meio de assegurar a paz é tornar impossível, por um tratado geral que ligue todos os povos, toda a política de agressão.

«Esta opinião deve ser mantida e nos meios operários mais do que em qualquer outra parte. Portanto, harmonizando o nosso pensamento com o conhecimento da instabilidade da situação presente, a insegurança em que vive a Europa, nós aceitávamos e aceitamos ainda que haja tratados particulares, com a condição, repetitivamente, de apenas serem disposições particulares do Pacto geral, instrumentos de aplicação e de realização dos princípios inscritos no Pacto geral.

«Por isso, não poderíamos aceitar a declaração segundo a qual a Sociedade das Nações é conferido talvez o direito de ter sob sua fiscalização um tratado

PÃO NOSSO...

O tipo único de pão que as classes operárias reclamam não é só para Lisboa e Porto, mas sim, para todo o país

Que se façam experiências, está bem... mas façam-nas com coisas que pela sua natureza as permitam. O ministro da Agricultura, que parece ser agricultor, deu-se agora a fazer experiências sobre o preço de pão, mas não procurou um preço para experimentar até que ponto poderia ir o muito lucro da agricultura em benefício dos que os sacrifícios têm feito.

Não, o ministro procura experimentar apenas até que ponto chegaria a magra bôla do povo que do seu esforço exaustivo vive.

Assim, depois de ter escandalosamente decretado o aumento do pão em mais de 70%, pretende aumentá-lo ainda mais, possivelmente para salvar da miséria os agricultores que já estão vendendo trigo à razão de 1440 o quilo.

Com uma habilidade que vale bem a designação de salaio, fala de tipo único a 1960 o quilo, o que equivale a um aumento de 60% sobre os preços antigos, mas como pretende ele estabelecer esse tipo caríssimo? Da forma a mais risível. E como podemos convencer-nos do contrário, se o ministro não gosta de situações de favor e por assim se é que disse ele—acabou com o pão político em Lisboa e Porto? E porque um tipo único a 1960 e distribuído por favor pela Manutenção Militar permitiria o comércio em Lisboa pão—embora de pão só tivesse o nome—mais barato que na província, onde por efeito da bela obra citado ministro tem encarecido as andaluzias.

E certamente, ele, que não achava lógico o prejuízo que o Estado tinha em benefício do polvo moço, mantendo o pão mais barato, não iria agora criar uma nova despesa ao Estado arvorando-o em padroeiro. Já não falamos na beleza que seria a distribuição do pão pelos armazéns reguladores, que não regulam nada nem a escassez de gêneros, nem a alta de preços e com os quais o ministro não concorda, porque, como bom representante das forças vivas, — de facto o povo parece ter morrido —, quer a livre concorrência, mas com a prévia certeza de que não há concorrentes.

Cremos firmemente que as intenções do nosso homem são muito outras. Como está em maré de experiências, vai experimentar fazer desaparecer o pão de 1500 o quilo, e proporcionar assim a Moagem um novo lucro razoável. A melhor forma de o conseguir é o estabelecimento do tipo único. Como não está estatuído o preço do pão, os padroeiros encontram nessa resolução grandes vantagens, porque, vendendo eles, hoje, 2 quilos de pão, um de 1.º, outro de 2.º, por 2380, se misturarem os dois lotes de farinha, arranjam um tipo único, melhor que o pão misteiral e que venderão por 3320, 2 quilos.

De resto é esta a aspiração dos padroeiros independentes porque conseguem assim mais um bonito lucro aprofundado a 15%. Este é o primeiro benefício do ministro, feito aos componentes da sua classe — a burguesia — que não ao povo que treina na produção das utilidades colectivas.

A seguir, fica a porta aberta à moagem para encarecer as farinhas, — visto que o mercado de pão mais caro lhe permite e a compra de trigo por preços superior a 1930 o exige, para satisfação do descomodado desejo de lucros. E isto que o ministro pretende e nada mais, no que reconhecemos bem cumprir o seu papel de agente da burguesia. Resta aos que com o interesse da burguesia se têm a perder, tratarem convenientemente da defesa dos seus interesses, não confiando nas mentirosas promessas do que, apresentando-se como defensores do povo, só defendem afinal a privilegiada casta a que pertencem.

Silva CAMPOS
Os industriais de panificação independentes resolvem reclamar a criação de um único tipo de pão
Como fora anunciado, realizou-se ontem a reunião dos industriais de panificação independentes, para tratar da situação da sua classe em face das exigências da moagem.

A's 14 horas, foi aberta a sessão sob a presidência do sr. Manuel Nunes da Trindade, secretariado pelos srs. Joaquim Rodrigues Baptista e Romão Rodrigues Marques. Expostos os fins da reunião pelo presidente, fizeram uso da palavra vários oradores, sendo em seguida aprovada por unanimidade a seguinte proposta:

«Considerando que o actual regime de panificação com os seus diversos tipos de pão e farinhas, não satisfaz e presta-se mais facilmente à fraude dos respectivos diagramas por parte das empresas de moagem menos escrupulosas;

Considerando que os industriais de panificação independentes nenhuma responsabilidade têm em tal facto, pois se limitam a mandar manipular as farinhas como as recebem das mesmas empresas;

Considerando finalmente, que estando os mesmos industriais em permanente contacto com o público consumidor são os primeiros a receberem dele as suas justas reclamações;

A classe dos industriais de panificação independentes, reunida em assembleia geral, resolve:

- 1.º—Representar ao sr. ministro da Agricultura, pedindo-lhe para que seja criado um tipo único de pão;
- 2.º—Que não seja permitido o fabrico de pão pequeno e igualmente a extração de mais de um tipo de farinha;
- 3.º—Que seja dado todo o nosso apoio ao Conselho Central das Juntas de Freguesias de Lisboa, pelo seu movimento em prol do mesmo assunto».

geral mas que ela não pode, sem ir atingir a soberania dos Estados, exercer a fiscalização dos tratados particulares que ficam o direito de cada Estado. Assim concebidos, esses tratados não seriam já tratados abertos e públicos como preceitua o Pacto, mas tratados secretos, fechados que ligariam cada um dos Estados sinistérios em razão das vantagens particulares que disso resultassem. Pois bem! Quer se queira quer não, isso seria a reconstituição das antigas alianças baseadas nos interesses particulares, levantando os Estados uns contra os outros.

Esta concepção é contrária aos próprios termos do Pacto, e, por conseguinte, se tal devesse ser o carácter dos tratados particulares nós diríamos imediatamente: Não!

Valeria mais cessar de colaborar juntos que perseverar na confusão, no erro. Aceitamos o projecto de Lord Robert Cecil não porque ele nos dá plenamente satisfação mas porque é uma primeira conquista do espírito pacifista sobre o espírito guerreiro.

Não estamos aqui para humanizar a guerra, para a tornar mais aceitável aos povos. Estamos aqui para lhe dirigir os golpes mais rudes e fáceis a desaparecer. Isso, é por um facto geral por garantias internacionais que o alcançaremos. A característica nova é que o projecto traz meios previstos de intervir antes da agressão em presença da premeditação da agressão. E' esse o fim: impedir um Estado de tornar-se agressor, uma nação de se arremessar contra outra, um país de destruir o estado de paz.

A questão tem um valor moral que ninguém pode negar — ela excede o estado dos meios técnicos; ela é em si mesma e por si mesma um instrumento moral de exercer pressão sobre os povos, uma moral nova que se opõe à antiga, à moral que reconhecia aos Estados o direito de eles próprios se fazerem justiça.

Façamos ainda notar, para terminar, que o tratado de garantia de Lord Cecil, prevê a admissão, na Sociedade das Nações, de países como a América, a Alemanha e a Rússia que ainda não fazem parte dela.

No seio da sub-comissão protestavam contra a admissão destes dois últimos Estados; mas o plano que Lord Cecil acaba de apresentar outra vez, mantém expressamente uma tal eventualidade.

(da F. S. J.)

VIDA POLITICA

Junta Nacional das Juventudes Comunistas.—Devido a ter de resolver um assunto urgente reúne hoje, pelas 21,30 horas.

Crato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Trato.—A. A. Silva.—Seguiu vossa encomenda.

Marinha Grande.—J. M. Matos.—Seguiram para o correio os livros pedidos.

Cocujães.—M. Godinho.—Receberam. Entendidos. Ficou pago até 6 de Setembro.

Marco postal

Classes que reclamam

Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa

A comissão de melhoramentos comunica à classe que já foi entregue a muitos industriais a circular reclamando o aumento de 3350 para os salários de 15500 para cima, de 4800 para os salários inferiores a 15500 e de 2350 para os aprendizes. Os delegados que ainda não fizeram devem ir buscar as circulares à sede sindical, até às 23 horas.

Da circular transcrevemos os seguintes trechos:

«O excessivo e injustificável aumento do preço do pão e ainda o quotidiano agravamento de todos os gêneros e artigos essenciais à vida do trabalhador; acabam de repentinamente agravar a situação dos que apenas vivem do seu salário.

Um tal estado de coisas não pode nem deve ser suportado por todos aqueles que nada contribuíram nem contribuem para uma situação tão anormal!

Os operários pretendem defender-se contra essa situação insuportável e por isso por mais de uma vez tem exteriorizado o seu protesto que tem sido abafado pela força das autoridades que se colocaram ao lado dos exploradores causadores de um tal anormal estado social.

Que lhe resta pois fazer se outro caminho lhe é vedado percorrer?... Recorrer ao patronato, para que melhore o seu salário, afim de poder enfrentar os novos e pesados encargos do custo da vida, muito embora reconheça também que não seja este o melhor caminho a trilhar».

A comissão de melhoramentos reúne hoje às 20 horas.

Secção do Poço do Bispo
Esta secção convida o pessoal de todas as oficinas metalúrgicas da área a enviarem um ou dois delegados por oficina a uma reunião que hoje se realiza, pelas 20 horas, para se deliberar sobre a maneira como deve ser entregue aos industriais a circular-reclamação de aumento de salário.

Dada a importância do assunto, todas as oficinas devem fazer-se representar, não se responsabilizando esta secção pela situação em que fiquem os que não façam, pois só do esforço colectivo poderá resultar alguma coisa de prático.

Ferrovários da C. P.
Efectua-se hoje uma importante reunião
Para que a classe tome conhecimento dos trabalhos efectuados pelas comissões executiva e de melhoramentos do respectivo Sindicato sobre as reclamações de carácter moral e económico, reúne hoje, pelas 20 horas, no Teatro Gil Vicente, a Graça, os ferroviários da C. P.

Tudo o pessoal disponível deverá assistir a esta grande reunião, onde serão tomadas decisões importantes. O pessoal que não puder comparecer por motivo de serviço, deverá manifestar-se por escrito.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ
O CARVÃO
O procedimento dum fiscal dos abastecimentos

O proprietário da carvoeira da rua de Santa Marta, 141, meteu anteontem o carregamento de um vagão de carvão cedido pelo commissariado dos abastecimentos.

Ontem, pelas 4 horas da madrugada, já muita gente formava bicha à porta para adquirir um pouco do precioso combustível, mas só depois das 14 horas começou a venda, depois de várias vezes se ter telefonicamente pedido providências ao commissariado.

Aquella hora chegou de side-car um fiscal, que mandou pesar quatro sacas de carvão para o hospital de Santa Marta e ordenou que fossem fornecidas duas arrobas aos fregueses habituais e apenas meia arroba a quem estava na bicha, de maneira que às 18 horas ainda havia muita gente para servir.

Assim procedem os que tem por dever velar pelos interesses do povo que lhes paga!

Caição e limpeza de prédios
Uma representação do S. U. da Construção Civil à Câmara Municipal
Alexandre Assis, João Queiroz, Alberto Almeida, Manuel A. Pires, Joaquim dos Santos e Marcelino Gonçalves, como delegados do conselho de secções do Sindicato Unico dos Operários da Construção Civil, estiveram ontem nos Paços do Conselho, falando com o vereador sr. Alexandre Ferreira, acerca da proposta ultimamente aprovada pela Câmara, alterando a postura que regula o serviço de limpeza e caiação de prédios, ampliando o prazo em que esses trabalhos devem ser feitos. A Comissão, depois de declarar estar de acordo com a proposta, entregou um envelope fechado contendo uma representação dirigida ao presidente da Câmara Municipal.

O sr. Alexandre Ferreira, depois de uns esclarecimentos acerca da proposta, prometeu entregar ao presidente da Câmara a representação.

INSTRUÇÃO
A folha oficial vai publicar o aviso aos professores das escolas móveis de que os seus contratos se realizam nos seguintes dias: 18 do corrente, os professores cujos nomes estão na folha oficial vão até António Rodrigues de Castro; 19, até Feliciano Pereira de Castro; 20, até João José de Pinho; 21, até Leonor da Conceição Aguiar; 22, até Maria Aurora Dias; 24, até Maria José de Almeida; 25, até Olinda Vitória da Silva; e 26, até Zeliado do Nascimento Braga.

Já estão na repartição de contabilidade as folhas de vencimento dos professores das escolas móveis residentes a Agosto, bem como as melhorias de Janeiro a Junho.

A BATALHA

Teatro Apolo
dos Morgados
HOJE
e todas as noites

Trabalhadores:
LEDE A «A BATALHA»

Vida Sindical

C. G. T.
CONVOCAÇÕES

Comité Confederal
Mão tendo reunido ontem devido a outras reuniões, deve reunir-se hoje às 20 horas prefixas.

Secção de Federações
Para tratar da efectivação de vários congressos corporativos, reúne hoje às 21 horas, sendo indispensável a companhia de delegados de todas as federações.

Secção de União
Reúniu ontem com a presença de delegados das União de Sindicatos Operários de Lisboa, Porto, Évora, Viana do Castelo e Alameda.

Foi aprovado vários expedientes, entre os qual os de várias União e Sindicatos onde estes organismos não existem, comunicando o preço porque é vendido o pão nas respectivas localidades, em resposta à circular enviada por esta Secção.

Sobre este palpitante assunto — o pão — foi deliberado comunicar ao Comité Confederal para convocar com urgência o respectivo Conselho afim de apreciar aquelas respostas e tomar as necessárias deliberações.

Ocupou-se também largamente das delegações permanentes na província, findo este assunto para se resolver definitivamente na próxima reunião, em virtude do adiamento da hora.

U. S. O.
Reúniu ontem a comissão administrativa que apreciou inúmeras expedientes e o relatório do último movimento do pão que resolveu levar ao conselho de delegados, que terá lugar na próxima terça-feira, 18.

COMUNICAÇÕES
Federação Marítima.—A Comissão Administrativa, apreciando o conflito existente entre os condutores e baldadeiros de sal de Setúbal, resolveu enviar a esta cidade um delegado com o encargo de estudar a questão e procurar resolvê-la.

Sobre dois officios dos Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa resolveu que baixassem ao Conselho Federal. Depois de largamente apreciada a nota publicada pelos mesmos Descarregadores, em *A Batalha* de ontem, sobre os serviços da Exploração do Porto de Lisboa, deliberou o Conselho de Delegados protestando contra as deliberações tomadas, visto que, brigando com os interesses dum classe que se encontra em litígio com o patronato, são atentatórios dos princípios de solidariedade.

Por último, e de muito expediente, resolveu o Conselho de Delegados de Alameda fazer o seu sentir a necessidade de que acabe, de vez para sempre, com as perseguições que está movendo aos Descarregadores de Terra e Mar daquelle conselho.

Empregados Menores do Comércio e Indústria.—Reúniu a direcção, que se occupou de assuntos de instrução, tomando conhecimento de vários expedientes. Apreciou algumas passagens do congresso dos empregados no comércio, entre os quais aquella em que a Federação dos Empregados no Comércio reconhece todas as associações de classe, com o que muito se regosijou, lamentando ao mesmo tempo que certos factos se dessem como o que originou a interrupção dos trabalhos.

Officiu à Associação dos Revendedores de Viveres a Retalho sobre horário de trabalho e salários.

S. U. C. Civil.—Secção profissional dos pintores. — Reúniu na passada terça-feira em assembleia geral, que se occupou de vários assuntos de interesse para a classe, como seja a questão do pão e outros.

Nomeou também delegados para o Conselho Técnico os camaradas Américo Augusto Prazeres e Inácio Marques e para a comissão administrativa o camarada Manuel Antonio Pires.

Esta comissão nota com bastante pesar que da parte dos seus concólios se está

"A BATALHA" - na província :-
e nos arredores

A Câmara Municipal e os seus operários

dar rancho impróprio que nem os próprios animais lhe pegam.

Alguns desse rancho é negro, devido à falta de limpeza na respectiva chaminé, pois assim como a ferrugem lhe cai dentro assim lho manda.

Nos dias em que não tem rancho, é fornecida a quantia de 1\$00 a cada um dos presos.

Como é que um homem se pode alimentar com a quantia de \$300 por dia se um quilo de pão custa \$85? Por isso os infelizes presos pedem mais algumas providências ao delegado do procurador da república afim de olhar sério para a sua precária situação.

COIMBRA
10 DE SETEMBRO

O pão subiu de preço e piorou na qualidade

O mais transcendente assunto é talvez o mais encarado com uma indiferença total, que muitas vezes chegamos a supor, que, ele vive num Eden: risonho a todos, sente-se feliz a par da grande ma-

seria que alastra assustadora, denotando-se que o sorriso que o envolve desaparece toldado por algum pensamento lúgubre, mas que é sem dúvida apenas uma manifestação fisiológica.

O pão, o grande problema que tem feito revoltar imensa gente, para que os deserdados—os trabalhadores—não morram à sua falta, é aqui encarado com uma impossibilidade que nos enoja. Nunca o supozemos, mas agora estamos convencidos disso: o pão não

A ladravaz Portugal e Colónias, companhia vampírica de moageiros, de há tempos a esta parte que vinha convocando os industriais independentes para uma reunião onde a sua *difícil* situação fosse tratada para bem do pobre trabalhador...

TEATROS

Não podiam eles faltar a essa reunião, pois que o grande mal também lhe chegaria à porta. Os pequenos e grandes industriais independentes, assim de comum acordo com a rapinante companhia, deliberaram que o preço do pão fosse aumentado.

patra esse aumento, se os arduos esforços da senhora *patrão de Portugal e Colômbia* estão atarrotados, há meses, de mais uma, que lhes custou 1360 e 1380 mil quilos? Onde está a mais leve justificativa desse aumento, se os manipuladores de pão ganham uma insignificância e não foram aumentados?

Nos seus interesses! nos seus interesses!

E o povo, êsse fica-se mndo e queda
que nem um penêdo!...
A miséria agudíssima avisinha-se, ven-
do-se já ao longe o seu manto negro e
a rogadoira caminhar de encontro aos
mais pobres, aos infelizes de tudo, que
padecem o criminoso indiferentismo dos
outros, que tinham por obrigação a
sua defesa! Mas quê? Se a justiça...

Que pode meia dúzia de sinceros
contra a avalanche do comodismo irra-
cional e absurdo numa população quase
inteira!?

Mas, vamos ao assunto de interesse
directo.

O pão, o principal alimento, foi basicamente aumentado; esse aumento atinge 50 %!!

O operariado,—o povo que trabalha— não pode suportar esse aumento porque é um desafio à sua vida, à existência dos seus entes queridos que precisam

ção se do povo não aparecer um gesto que seja imitado por todos e, que fizesse encolher as garras duncas do abutre, fazendo-o entrar no caminho da ordem. E, se não fôr possível puxar as rédeas ao cavalo desenfreado do rapinante.

moageiro, — proletário, exige aumento de salário! E' um paliativo? Embora. Mas conseguirás emparar a vida, até que um dia, o povo todo, compreendendo o direito à vida, proclame a revolução emancipadora dos trabalhadores.

Pedras para isqueiros

Dúzia 50 centavos
(cuidado com as imitações)
Venda aos centos e aos milhã-
lheros, assim como isqueiros, ro-
das, tubos, pipos e tambores, aos
melhores preços para revenda.
Pedidos a

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

—Ouve, diz-lhe, há de ir amanhã chamar um tabelião. Há um aqui perto, na rua de Saint Lazare.

—É possível. Mas tranquilizar-me há de saber que os nossos negócios se acham em ordem... Casimo-nos sob a lei da comunidade quando nem um nem outro possuíamos coisa alguma. Hoje que temos ganho alguns soldos,

não quero que minha família possa vir despojar-te... Não é tanta a bondade de minha irmã Agatha para que eu lhe deixe alguma coisa. Antes queria levar tudo comigo.

O sentido em que somos anarquistas

MIGUEL BAKOUNINE
 É um folheto que todos devem ler,
 cuja edição acaba de ser feita pela
 biblioteca de A Sementeira.
 Um exemplar, \$30 — Pelo correio, \$40

